

A MODERNIDADE E A SÍNTESE DAS ARTES A PARTIR DAS OBRAS DO ARQUITETO WAGNER SCHRODEN EM UBERABA (MG)

Adriana Capretz Borges da Silva Manhas (1)

Ana Teresa Cirigliano Villela (2)

Juliano Carlos Cecílio Batista de Oliveira (3)

- (1) Arquiteta, Mestre em Engenharia Urbana e Doutora em Ciências Sociais (UFSCar), Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-AL)
- (2) Estudante de Graduação, Bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG) do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE - MG)
- (3) Arquiteto, Mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP), Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE – MG)

Rua Hamilton de Barros Soutinho 519 ap. 202 CEP 57035-690 – Maceió (AL)

Fones: (82) 4141 0303 – (82) 9444 8363

dricapretz@hotmail.com; anacirig@hotmail.com; jcoarq@yahoo.com.br

A MODERNIDADE E A SÍNTESE DAS ARTES A PARTIR DAS OBRAS DO ARQUITETO WAGNER SCHRODEN EM UBERABA (MG)

RESUMO

Este artigo apresenta exemplares do vasto e inédito conjunto da obra do arquiteto mineiro Wagner Schroden, em sua trajetória na cidade de Uberaba (MG). Filho do fotógrafo alemão Hans Schroden, formou-se em arquitetura com especialização em urbanismo na UFMG no ano de 1966 e atuou na capital mineira por dezesseis anos. Em seguida, mudou-se para Uberaba - onde permaneceu até seu falecimento, em 1987 - e realizou inúmeros trabalhos de arquitetura, design e comunicação visual em seu escritório particular, paralelamente às atividades de docência e ao trabalho exercido na Secretaria Municipal de Planejamento. Sua atuação coincidiu com a repercussão no Triângulo Mineiro da política desenvolvimentista implementada por Juscelino Kubitschek, bem como a busca da cidade, naquele momento, pela assimilação dos paradigmas modernos como símbolo para seu reconhecimento como a "capital nacional do Zebu". Sua abrangente formação - era também pintor, escultor, fotógrafo, designer e músico - incidiu sobre a complexidade projetual com a qual se comprometia, tratando a edificação como uma peça indissociável entre função, plástica e relação com o entorno, o que resultou em edificações marcadas pela monumentalidade e escultoriedade, ressaltada em parcerias com profissionais renomados como o paisagista Burle Marx. A qualidade de sua produção, que seguiu em grande parte a corrente brutalista, foi responsável pela libertação definitiva das amarras historicistas na qual a cidade havia mergulhado durante o processo de busca por sua identidade, e marcou a estética arquitetônica dos anos de 1980. A síntese artística do arquiteto foi marcada por intensa complexidade, que transcendeu o âmbito espacial e penetrou no anseio humano. Sua notória obra no Brasil Central foi estampada nas principais revistas do ramo e estendeu-se ao cenário internacional, dentre os quais, Paraguai, Austrália, África do Sul e países da Europa, onde além de reconhecido, foi bastante premiado.

ABSTRACT

This article presents examples of the wide and unique range of work by architect Wagner Schroden, from Minas Gerais, in its history in the city of Uberaba (MG). Son of photographer Hans Schroden, graduated in Architecture and Urbanism at UFMG (1966) and served in the capital for sixteen years. Then he moved to Uberaba - where he remained until his death in 1987 - and accomplished numerous works of architecture, design and visual communication in his particular office, alongside the activities of teaching and the work carried out in the Municipal Department of Planning. His performance coincided with the impact on developmental politics on the "Triângulo Mineiro" implemented by Juscelino Kubitschek and the search by the city, at that moment, for the assimilation of modern paradigms as a symbol for its recognition as the national "capital of Zebu". His comprehensive training - was also painter, sculptor, photographer, designer and musician - focused on the design complexity with which he has compromised, managing the building as a inseparable piece of function, plastic and the relationship with the environment, which has resulted in building marked by monumentality and sculptority, emphasized by the partnerships with renowned professionals as the landscaper, Burle Marx. The quality of his production, which largely followed the "brutalism", was responsible for the final release of historicist moorings by which the city was submerged during the search for its identity, and marked the architectural aesthetics of the 1980s. The artistic synthesis of the architect was marked by intense complexity, which has transcended space and has entered the human desire field. His remarkable work in "Brasil Central" was printed in major magazines in the industry and was extended to the international scene, among them, Paraguay, Australia, South Africa and countries in Europe, where, in addition to recognition, was fairly awarded.

Palavras-chave: arquitetura moderna; Wagner Schroden; Uberaba

A MODERNIDADE E A SÍNTESE DAS ARTES A PARTIR DAS OBRAS DO ARQUITETO WAGNER SCHRODEN EM UBERABA (MG)

A modernidade mineira¹

A síntese figurativa perdurada no século XIX deu lugar ao gesto moderno mais complexo, exigindo uma formação mais abrangente e que trouxesse ao âmbito da arquitetura a mesma expressividade e espontaneidade dos artistas. Segundo John Ruskin, aquele que não fosse um grande escultor e um grande pintor não poderia ser um arquiteto. Assim, da mesma forma como o artista insere sua subjetividade sobre sua obra, também o arquiteto passaria a trabalhar a plasticidade como uma identidade a seu repertório.

O Brasil teve alguns ícones representantes da síntese das artes, mas o amadurecimento do movimento moderno atrelou ainda mais esse vínculo através da escultorialidade e monumentalidade arquitetônica, tendo no próprio edifício o objeto artístico. Nesta corrente, Niemeyer foi, sem dúvida, sujeito principal, projetando a arquitetura brasileira internacionalmente a partir da incorporação de conceitos que vinculavam a arquitetura e as artes plásticas, por meio do relacionamento estreito entre sua criativa obra, o paisagismo de Burle Marx e as artes de Portinari, assim como acontecera no projeto para o Ministério de Educação e Saúde. A questão da monumentalidade arquitetônica modernista foi primeiramente abordada por Lúcio Costa, em seu texto “Considerações sobre a arte contemporânea”, onde defende a legitimidade da intenção plástica, consciente ou não.

Uma vez que os arquitetos, a par do aprendizado técnico cada vez mais complexo e apurado, se dediquem igualmente ao estudo dos problemas da expressão arquitetônica e participem dos debates artísticos contemporâneos, a fim de se capacitarem do fundamento plástico comum a todas as artes e se deixem possuir, tal como os pintores e escultores nos seus respectivos domínios, pela paixão de conceber, projetar e construir, então em virtude da intenção superior que os anima e da consciência técnica adquirida, as suas obras, cem por cento funcionais, se expressarão em termos plásticos apropriados, adquirindo assim, sem esforço, graças à própria comodulação e modenatura, certa afeição nobre e digna, capaz de conduzir ao desejável sentido monumental (COSTA, 1995, p. 257).

A arquitetura moderna mineira, ao contrário daquela presente no litoral e sob os ditames de Lúcio Costa, esteve mais distante das influências externas, procurando autenticidade a partir do legado barroco, absorvendo as influências da arquitetura colonial e valorizando elementos que haviam sido resgatados durante o período Neocolonial. Isso pode ser verificado, segundo Malard (2005),

¹ Agradecimentos: FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais e Fernando Schrodén, estudante de arquitetura, filho de Wagner Schrodén, que cedeu as imagens e informações para este trabalho.

na presença de aberturas voltadas para pátios internos, nas treliças e nos cobogós, bem como nas varandas de herança bandeirista, inseridas à frente, aos fundos, nas laterais e nos pavimentos superiores, desenhadas em diversos formatos.

A política teve papel determinante na constituição da arquitetura moderna no Estado, incentivada principalmente pelo governador mineiro Juscelino Kubitschek, que deu continuidade aos ideais da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. A criação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte teve importância fundamental para a concretização da modernidade já prenunciada pelo *Art Déco*, pois através dela se formariam os verdadeiros arquitetos, aqueles capazes de lidar com os paradoxos entre ciência e sociologia e entre a preservação do patrimônio passado e as decorrentes necessidades urbanas (RIBEIRO, 1999).

A partir do Conjunto Pampulha, o ideal de síntese artística da corrente carioca se propagou às demais cidades do interior, ainda defasadas da euforia modernista vivida nas capitais e que permaneciam sob os moldes da arquitetura tradicional historicista. Tais cidades aos poucos sobrepujam a ideologia moderna às paisagens históricas, de modo que os novos edifícios eram símbolos de seu reconhecimento perante o restante do país. Entretanto, embora bastante difundida em Belo Horizonte, a arquitetura moderna se firmou no interior do Estado somente após a transferência da Capital Federal para o Planalto Central e, no caso do Triângulo Mineiro, a localização na rota de passagem entre o Rio de Janeiro e Brasília lhe conferiu um aspecto favorável. Até então, as transformações artísticas iniciadas nas grandes cidades estiveram defasadas cronologicamente, atingindo o auge dos estilos quando estes já estavam em desuso. O próprio Movimento Moderno foi bastante tardio em Uberaba, desenvolvendo-se somente no final da década de 1950 e mesmo assim paralelamente ao estilo “neocolonial”, sob a vertente “missões”. A antiga associação da arquitetura mineira com o barroco do ciclo do ouro foi rompida definitivamente somente a partir da década de 1960 por meio do grupo de arquitetos pós-modernistas de Belo Horizonte, os quais, rompendo ou dando prosseguimento ao moderno, mostrou ao país uma “mineiridade” de cores vivas e novidades tecnológicas.

Arquitetura moderna em Uberaba?

Localizada na região conhecida por “Triângulo Mineiro”, a Oeste do Estado, Uberaba possui uma história interessante de urbanização e produção arquitetônica, reflexo dos diferentes momentos econômicos do país e da cidade, marcada definitivamente pela introdução e apogeu do gado Zebu, mas também de sua localização geográfica estratégica e topografia peculiar, que a faz conhecida como “a cidade das sete colinas”.

Sua arquitetura apresenta ainda exemplares remanescentes e raros dos períodos barroco, colonial e neoclássico, decorrentes de sua “pré-história urbana”, desde sua formação decorrente de atividades agropastoris durante o século XIX, quando constituía rota salineira entre o Rio de

Janeiro e o sertão de Goiás. Segue-se para um amplo acervo eclético, decorrente da urbanização em torno de suas sete colinas impulsionada pela chegada dos trilhos da Mojiana em 1889, que colaborou para a introdução do gado Zebu na cidade, cujo apogeu econômico foi marcado pela arquitetura Art Déco entre as décadas de 1930 e 1940. Este período, que lhe rendeu o título de “Capital Nacional do Zebu”, também produziu inúmeros e marcantes exemplares da arquitetura Neocolonial, com variantes significativas de origem árabe, devido à grande comunidade que lá se instalou em função do complexo de serviços e atividades comerciais gerados pela criação de gado.

A introdução dos paradigmas modernos se deu a partir da década de 1950, por meio dos edifícios projetados por Ícaro de Castro Mello, Oswaldo Bratke e seu discípulo local, o arquiteto Germano Gultzgoff. No entanto, uma peculiaridade definiu o vocabulário moderno desenvolvido nessa cidade, que foi a coexistência entre a arquitetura moderna e a corrente neocolonial. Enquanto nas capitais a neocolonial recaía no historicismo, em Uberaba, foi essa corrente que permitiu a transição e completa assimilação do movimento moderno pela população. O arraigamento às tradições dificultaria o vínculo popular com a produção moderna; no entanto, as manifestações concomitantes, embora opostas, na cidade, promoveram uma arquitetura contextualista que buscou na cultura árabe local um embasamento à produção e adequação dos modelos europeus na cidade. Assim, o Movimento Moderno acontecia em Uberaba como um reflexo da dinâmica cultural dos anos dourados e da paradoxal tentativa de assimilação do progresso nacional por uma sociedade ainda tradicionalista, cuja libertação se deu definitivamente com a chegada do arquiteto belorizontino Wagner Schrodén, trazendo consigo uma arquitetura inédita.

Arquitetura, urbanismo, artes e design do mestre mineiro

A família Schrodén havia emigrado da Alemanha para o Brasil na década de 1920, passando pelos Estados de Santa Catarina e São Paulo, até se fixar na cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Wagner, já nascido no Brasil em 1938, era filho do alemão Hans Schrodén, principal fotógrafo do auge das exposições de gado na cidade, e desde pequeno já tinha sua educação voltada para a arte e a técnica. O pai sempre demonstrara íntima relação com as artes plásticas e também com a música, foi autodidata em fotografia e filmagem e, em Uberaba, construiu seu próprio estúdio, onde desenvolveu técnicas desconhecidas até mesmo pela indústria Kodak e foi o principal responsável pelo registro da maior parte da obra de seu filho arquiteto, além de eventos políticos e festividades em geral. O avô, Johann Schrodén, técnico altamente qualificado, possuía uma oficina mecânica de automóveis e uma pequena fábrica de aviões na Alemanha, onde também era piloto, tendo participado do pioneirismo da aviação mundial. Seu conhecimento lhe permitiu o ingresso no mercado de trabalho da região, onde conseguiu emprego como técnico da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, cujos trilhos haviam alcançado Uberaba havia pouco tempo.

Wagner Schroden deu continuidade à trajetória artística e técnica da família, concluindo a faculdade de arquitetura com especialização em urbanismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, no ano de 1966. Sua abrangente formação – era também pintor, escultor, fotógrafo, designer e músico - incidiu sobre a complexidade projetual com a qual se comprometia, tratando a edificação como uma peça indissociável entre função, plástica e relação com o entorno. Destacou-se por seu conjunto monumental, de nítidas influências expressionista e brutalista, em obras cujos complexos programas de necessidades foram criativamente organizados, refletindo volumetrias de grande clareza e delicadeza.

Foi pioneiro no que hoje se define como a “escola pós-moderna mineira”, juntamente com seus colegas de turma Éolo Maia e Cid Horta, Gustavo Pena, João Diniz, seu aluno Marcos Fonseca Emídio, sua estagiária Jô Vasconcellos, dentre tantos outros nomes de destaque no cenário nacional. Projetou e executou obras em todo território brasileiro, especialmente na região metropolitana de Belo Horizonte e no Triângulo Mineiro, mas também em Brasília e Ribeirão Preto (SP). Internacionalmente, projetou o Clube Guarani, em Assunção, no Paraguai e criou o plano urbanístico de duas cidades, uma Austrália e outra na África do Sul, ambas não realizadas.



Figura 1: Maquete do Clube Guarani, em Assunção, Paraguai. Projeto de W. Schroden, R. Manata, J. de Castro (Arquivo da família, 2008)

Vários de seus projetos foram premiados na Europa, a exemplo do *campus* universitário da FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura), na capital mineira, realizado na década de 1970, que recebeu honras na Suíça.

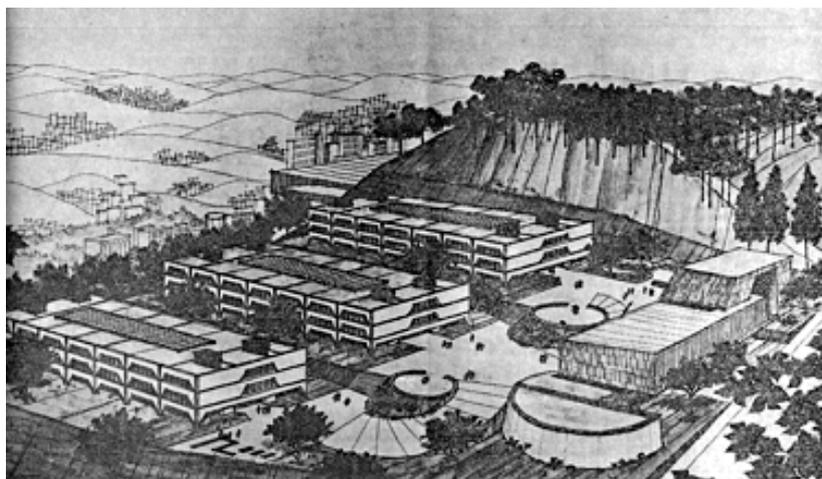


Figura 2: Desenho de Elzo Bedetti e Antonio Walter do Campus Universitário FUMEC, a partir do projeto de W. Schroden e equipe (Arquivo da família, 2008)

Após atuar por dezesseis anos na capital mineira como professor de arquitetura na UFMG e de artes na FUMEC, representante da Secretaria de Viação e Obras do Estado e coordenador-chefe do grupo regional do SERFHAU (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo), mudou-se para Uberaba, por razões familiares, onde permaneceu até o seu falecimento em 1987, aos 49 anos de idade. O reconhecimento pela população da qualidade de sua produção e a capacidade de adaptação aos novos conceitos fez com que os paradigmas modernos perdurassem na cidade, já que a arquitetura propriamente dita moderna, em Uberaba, teve uma cronologia bastante curta, embora não menos importante.

No projeto do *campus* universitário da FIUBE (antigas “Faculdades Integradas de Uberaba”, atual UNIUBE, “Universidade de Uberaba”), onde também foi professor no curso de Arquitetura, Wagner Schroden afirmaria sua aproximação com a corrente paulista do “novo brutalismo”. Na década de 1960, Mário Palmério - educador, político, embaixador, literato e sucessor de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, lançou a idéia de construir a cidade universitária numa área com mais de trinta mil metros quadrados, e o plano urbanístico e o projeto arquitetônico dos blocos ficou nas mãos do arquiteto. A arquitetura propunha a identidade visual frente ao conjunto, de modo que, mesmo diante de diferentes formalidades, uma vez adaptados a distintas finalidades acadêmicas, mantivesse a unidade da paisagem e a intimidade em cada um dos blocos. O trabalho integrado de Schroden ao paisagismo resultou em uma arquitetura singular marcada pelo jogo de cheios e vazios, representados pelos proeminentes volumes em concreto aparente em contraste às amplas e densas áreas verdes.



Figura 3: Bloco da Universidade de Uberaba (Foto do arquiteto, arquivo da família, 2008)

Na área da Reitoria, composta por três blocos independentes, porém interligados por um único elemento paisagístico, a integração é elevada ainda ao âmbito das artes plásticas, através da obra do artista expressionista Hélyvio Fantato. Aliás, ainda que não tenha sido por decisão do arquiteto, vários de seus clientes escolheram inserir em suas edificações obras deste artista, o que reforçou ainda mais o conjunto plástico constituído pela edificação e a obra de arte.

Schroden realizou também o plano diretor para o Parque de Exposições da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), bem como o projeto dos blocos da administração, seguindo a linguagem caracterizada pelo contraste das amplas fachadas envidraçadas demarcadas pelas espessas lajes de concreto. Assim, o Parque de Exposições, inaugurado em 1941 sob os moldes da arquitetura neocolonial, reafirmava sua influência perante a sociedade através da modernidade presente em sua nova arquitetura.

Além de edifícios institucionais, Schroden realizou diversas residências em Uberaba, nas quais, a atenção aos detalhes e a escultورية das fachadas complementava a reinvenção do espaço familiar, quebrando o vínculo com a tripartição burguesa ainda vigente. Um levantamento de grande parte da produção residencial do arquiteto em Uberaba reflete a mudança de paradigmas inserida por ele no cotidiano familiar. Schroden trabalhou também com a magnitude do volume arquitetônico contrastando com o entorno. Se por um lado os palacetes do início do século XX tentavam se impor sobre a paisagem eclética através da sobreposição de ornamentos, o final do século, através da transição promovida por Schroden, foi marcado pela monumentalidade da própria arquitetura, que se transfigurava e penetrava no interior doméstico.

Um dos projetos que refletem a complexidade com a qual Schroden trabalhava foi a conhecida “Casa dos Arcos”, uma residência projetada em 1985 e localizada na área central de Uberaba, em um bairro que a partir da década de 1970 se consolidou com a maior parte da produção moderna, apresentando obras de outros arquitetos e engenheiros ícones no desenvolvimento dessa corrente na cidade. No projeto desta residência, Schroden trabalhou em parceria com seu cliente,

engenheiro e proprietário de uma importante construtora de Uberaba, e que já tomara contato com o Movimento Moderno decorrente no Brasil, tendo trabalhado ao lado de Juscelino Kubitschek, Niemeyer e Lúcio Costa na construção de Brasília. A complexidade do projeto, a magnitude das fachadas, o refinamento dos acabamentos e a relação com as áreas verdes são apenas algumas das características que definem esse trabalho. Localizada em um terreno de esquina, em uma área intensamente comercial, a casa se isola da movimentação externa através da vegetação e de sua implantação no lote. Para promover a transição do espaço público para o íntimo familiar, o arquiteto lançou mão da releitura da tradicional varanda bandeirista, sobre o qual se projetam grandes arcos que evidenciam a construção e contrastam com o volume recuado onde se dispõe o programa familiar. As fachadas voltadas para a esquina fecham-se totalmente aos olhares externos, possuindo apenas pequenas aberturas que garantem a iluminação interna sem comprometer a privacidade. A entrada é marcada por um caminho de pedras, semi-coberto pela colunata em arco, na qual há um singelo jardim que conduz à ampla porta do hall, também pontuado por uma escultura de Hélyvio Fantato. O amplo programa residencial foi aliviado pela alternância das massas construídas com jardins internos e pelo próprio aproveitamento do efeito da topografia sobre a concepção do projeto arquitetônico.



Figura 4: Casa dos Arcos (Foto: Adriana Manhas, 2008)

A casa projetada para o médico Edmundo Chapadeiro, situada em um terreno de acentuado declive, também teve a topografia como linha diretriz ao projeto e, por meio da alternância do concreto aparente com os grandes panos de vidro, configurou-se em um jogo de volumes puros cujas faces alternam cheios e vazios, de modo que nenhum ângulo visual é igual ao outro. Internamente, existe ainda a concordância de linhas retas e curvas, desenhando espaços também diversos e providos de surpresas.



Figura 5: Residência Edmundo Chapadeiro (Foto do arquiteto, arquivo da família, 2008)

A partir de sua influência, fachadas com amplas superfícies em concreto aparente se tornaram parte da estética dos anos de 1980 da cidade, como a residência que projetou para o empresário Albano Bruno, conhecida como “Casa Brutalista”, que também se destaca pela monumentalidade paralela a uma funcional organização de plantas.



Figura 6: Residência Albano Bruno (Foto: Adriana Manhas, 2008)

Entretanto, embora não possamos considerar Schrodten como integrante do “Novo Brutalismo” verificado pelos arquitetos da “escola paulista”, a estética de suas obras esteve muito mais ligada à verdade e ao contraste dos materiais e formas, numa evidente predileção pelas raízes expressionistas alemãs que o moderno herdara, explicada, talvez, devido à sua descendência. Nesse sentido, ZEIN (2006; 2006b; 2007) trouxe importantes contribuições para o conhecimento e

reconhecimento da produção arquitetônica brasileira desenvolvida entre as décadas de 1960 e 1970, auxiliando-nos a entender que o conjunto de sua obra pode ser considerado “brutalista”, pois não se limitou ao “clichê” da superfície de concreto armado aparente, conseguida por meio das fôrmas de madeira. Não era nem questão do desenvolvimento de uma linguagem individual inovadora, mas do desenvolvimento de uma linguagem própria a cada obra projetada, ainda que se utilizando do vocabulário moderno, como os brises presentes na biblioteca Pública Municipal e na sede do Ministério da Fazenda:



Figura 7: Perspectiva do arquiteto para o projeto da Biblioteca Pública Municipal de Uberaba (Arquivo da família, 2008)



Figura 8: Ministério da Fazenda em Uberaba (Foto: Adriana Manhas, 2008)

Um de seus pontos mais altos da volumetria escultórica que definiu sua obra pode ser verificado no projeto para a Igreja São Benedito - cuja execução se deu à revelia de seu plano – onde um imenso volume curvo eleva-se do chão e a dramaticidade cênica das catedrais medievais, por

vezes retomada inclusive por modernos como Le Corbusier, foi explorada por meio de uma inusitada iluminação zenital.

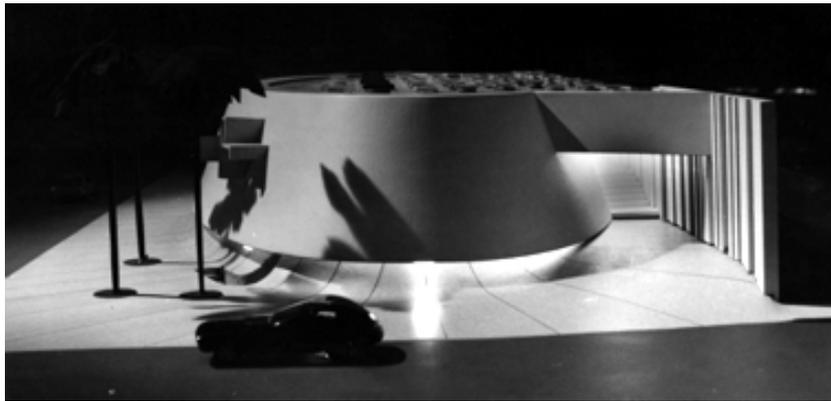


Figura 9: Maquete da Igreja São Benedito, executada por Wagner Schroden, a partir de seu projeto (Arquivo da família, 2008)

Na década de 1980, a cidade já não era a mesma onde se desenvolvera a arquitetura dos estilos, representante das oscilações econômicas em função do gado Zebu. A chegada de novos serviços e faculdades à região alteraram o perfil agropecuário que a cidade havia adquirido até então. Tanto a elite dominante quanto a população em geral queriam integrar aquele período de consolidação da modernidade, que vinha sendo enfatizada no governo JK. A obra de Schroden coincide justamente com esse período histórico marcado pela consolidação da industrialização e da urbanização, sobre a qual os empreendedores tentam atrair novos mercados fazendo uso da imagem arrojada dos edifícios como símbolos de enriquecimento. Na verdade, apesar do aspecto econômico e do social serem bastante diferentes daqueles presentes no início do século, o papel da arquitetura como representativa de ascensão econômica continuava a ser usado na sociedade moderna.

Neste contexto, o Edifício Elvira constituiu o maior símbolo da ruptura com as raízes tradicionalistas da sociedade uberabense. Primeiro edifício moderno a se instaurar na Praça Rui Barbosa (onde se encontram a Catedral e a Prefeitura), foi projetado para ser o prédio mais arrojado e mais atraente da cidade; o conceito do projeto criava um calçadão comercial coberto, garantindo conforto aos transeuntes. Nos andares superiores havia outros estabelecimentos, majoritariamente consultórios e escritórios, cujo acesso poderia ser feito por modernos elevadores, elementos inovadores na década de 1980. Seguindo a mesma linguagem, Schroden viria a projetar mais de uma dezena de outros edifícios de uso misto na cidade, sendo o arquiteto mais solicitado pelas construtoras para este objetivo.



Figura. 10: Encarte publicitário do “Edifício Elvira Andrade Cunha, o ponto de convergência da Uberaba dos anos 80” (Arquivo da família, 2008)

Diferentemente do Edifício Elvira, que projeta-se como uma grande marquise sobre a calçada, o Edifício Geraldino não apresenta recuos em relação ao arruamento, pois este recurso é utilizado como meio de aproximação entre o comércio e o público, ao contrário dos escritórios nos pavimentos superiores, que, apesar de estarem sob um pano envidraçado, recuam-se em relação à marquise das lojas e afastam-se dos olhares externos.



Figura 11: Perspectiva de Wagner Schroden a partir de seu projeto para o Edifício Geraldino Rodrigues da Cunha, projeto de W. Schroden, 1977 (Arquivo da família, 2008)

Além de toda minuciosidade quanto à estética das fachadas, à funcionalidade do projeto e à relação deste com o público, as soluções encontradas pelo arquiteto para as plantas dos edifícios guardam para si uma enorme complexidade, tanto na distribuição dos espaços quanto na articulação destes com a topografia e com seus usuários.

Se a arquitetura de Wagner Schrodén destacou-se como uma obra de arte em cada lugar que se impunha, foi na área do urbanismo que o arquiteto realizou a maior parte de seu trabalho. Em Uberaba, sua atuação no Planejamento Urbano aconteceu na década de 1970, quando começou a trabalhar no Departamento de Obras da Prefeitura Municipal e realizou inúmeros trabalhos de urbanização de bairros, praças e também o desenho de ruas e avenidas. O projeto que realizou para o Cemitério Municipal de Uberaba recebeu Menção Honrosa na 3ª. Premiação Anual de Arquitetura de Minas Gerais, promovida pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – MG em 1970:

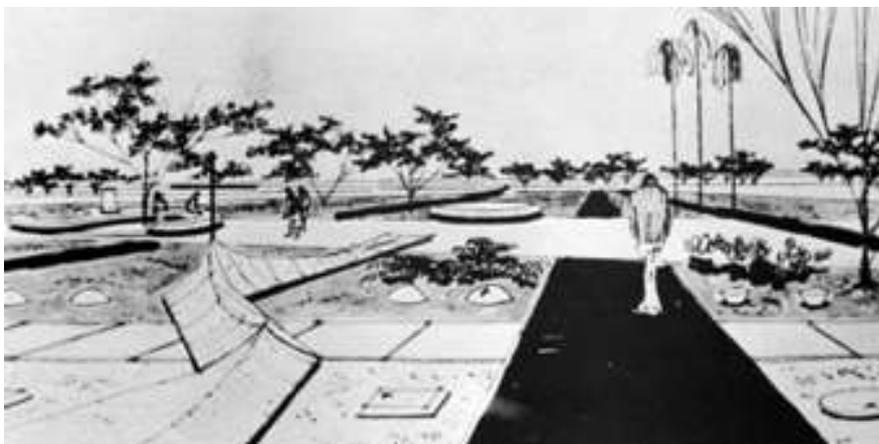


Figura 12: Perspectiva de Wagner Schrodén a partir de seu projeto para Cemitério Municipal de Uberaba (Arquivo da família, 2008)

Com esses projetos, Wagner Schrodén demonstrou a possibilidade de adequação dos princípios e da estética moderna a uma sociedade até então tradicionalista. Em um primeiro momento, o Movimento Moderno fora recebido e reproduzido como um estilo em cidades do interior, representando a vontade popular de acompanhar os resultados da industrialização das grandes cidades traduzidos na arquitetura, mesmo que funcionasse, “muitas vezes, como ponte entre o modo de vida tradicional expresso nas plantas e o desejo de modernidade expresso nas fachadas” (Lara, 2005).

Ainda que a arquitetura propriamente dita moderna, em Uberaba, tenha correspondido a um período relativamente curto, embora não menos importante na trajetória arquitetônica, o reconhecimento da qualidade da produção de Schrodén por parte da população e sua capacidade de adaptação aos novos conceitos fez com que os paradigmas modernos perdurassem na cidade até a década de 1980.

Referências bibliográficas

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

LARA, Fernando Luiz C. Modernismo popular: elogio ou imitação. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.12, n.13, p.171-184, dez.2005. Disponível em: <<http://www.pucmg.br/editora/index.php?pai=706&pagina=1118>> Acesso em: 12 mai. 2009.

MALARD, Maria Lúcia; MENDONÇA, Roxane Sidney Resende. A mineiridade da arquitetura modernista brasileira. Docomomo. In: 6º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. Niterói, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminarios.htm>> Acesso em: 12 dez. 2007.

RIBEIRO, Patrícia Pimenta Azevedo. A participação da Escola de Arquitetura na Construção do Pensamento Moderno em Belo Horizonte. Docomomo. In: 3º Seminário Docomomo Brasil. São Paulo, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminarios.htm>> Acesso em: 07 fev. 2008.

ZEIN, Ruth Verde. A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70. São Paulo: Vitruvius, 2006. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq076/arq076_02.asp> Acesso em 06 jun. 2009.

_____. Breve introdução à Arquitetura da Escola Paulista Brutalista. São Paulo: Vitruvius, 2006. Disponível em < http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq069/arq069_01.asp> Acesso em 07 jun. 2009.

_____. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). São Paulo: Vitruvius, 2007. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq084/arq084_00.asp> Acesso em 07 jun. 2009.